PROFESSOR, FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CARMEM LÚCIA DE OLIVEIRA MANARÃO

RESUMO

Este artigo procurou descrever o papel do gestor na inter-relação entre a escola, professor e a família, com objetivo de traçar novos caminhos e ações para a formação do aluno nas perspectivas profissionais e no exercício da cidadania. Assim sendo, diante da sociedade pós-moderna e da atual crise de valores, busca resgatar novas relações interpessoais no processo de aquisição do conhecimento. Este trabalho relacionou sociedade, escola, aluno e família nas ações propostas no projeto político pedagógico da Escola. Para gerenciar este processo, o gestor tem um papel importante, pois é ele o ator social que tem a percepção do todo da Escola, bem como das ações, habilidades e percepções de todos os outros sujeitos sociais da comunidade escolar. Neste contexto, o apoio da família é crucial no desempenho escolar, pois precisamos transformar, criar laços, interagir, construir e reconstruir e contar com pessoas de atitude, comprometidas com a função maior da escola. Devemos ressaltar, que a escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais e responsáveis para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e perspectivas, pois a educação é um serviço público, e o pai ou responsável, é um cidadão que deve participar e acompanhar este processo, contribuindo assim, para melhoria da qualidade do ensino público. Enfim, o trabalho mostra uma proposta de ação do gestor para trazer a família à Escola, contribuindo com isso, com a Educação Brasileira.

Palavras-chave: família - compromisso – escola - gestão.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo problema surgiu a partir da seguinte pergunta: Qual o papel do gestor na aproximação da família, professor e escola?

Neste contexto, escola e família têm o mesmo objetivo: levar o aluno a desenvolver todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. Para chegar a este objetivo, o gestor tem um papel importante: é ele quem deve traçar as estratégias para aproximar a escola e família.

Partimos do pressuposto que a qualidade de ensino se dá a partir da implantação de uma equipe de trabalho de gestão escolar, isto é, deve-se estabelecer uma parceria de trabalho entre professores, família, alunos e funcionários, na promoção da interdisciplinaridade entre áreas do conhecimento e participação efetiva nos projetos da escola.

A gestão democrática é um exercício de cidadania, fundamental para o avanço da sociedade que planeja ser mais justa e igualitária, estabelecendo o controle da sociedade civil sobre a educação e a escola, introduzindo a eleição de dirigentes escolares e os conselhos escolares, garantindo a liberdade de expressão, de pensamento, de criação e de organização coletiva na escola.

A escola é o grande espaço da socialização, de vivência da democracia onde tem como meta garantir a pluralidade, criar um ambiente privilegiado para que os valores democráticos sejam compartilhados, bem como formar cidadãos críticos e formadores de suas próprias opiniões.

O assunto a ser pesquisado é a gestão escolar. Assim, o problema a ser analisado está relacionado com a prática gestora vivenciado na escola. Neste contexto, sabe-se que o gestor enfrenta uma infinidade de problemas no cotidiano escolar.

A pesquisa baseou-se numa metodologia qualitativa, que envolveu um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponderam num espaço profundo de relações e interações sociais. Esse método é ideal para tratar o tema porque permite a compreensão do fenômeno em seus aspectos subjetivos e particulares e, desse modo, contempla a complexidade desta relação entre escola, família e alunos no processo de gestão escolar.

As vivências na docência e a reflexão sobre a prática pedagógica, juntamente com momentos de maior intercâmbio com a família,

estiveram na base do objetivo deste estudo ao investigar as relações entre o envolvimento da família com a vida escolar e a aprendizagem.
Nossa escola visa através do respeito pelos conhecimentos e valores que as famílias possuem, evitando qualquer tipo de preconceito, favorecer a participação dos componentes da instituição familiar de cada um dos nossos alunos em nosso processo educativo. Estimulando o diálogo com os pais e possibilitando-lhes, também, obter ganhos enquanto sujeitos de sua própria evolução, aperfeiçoando-se como seres humanos e cidadãos compromissados com a transformação da realidade social.

COMO PODE ACONTECER ESSA PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E GESTÃO?
É fato, a participação dos pais na vida escolar de seus filhos é de muita importância. Quanto mais saberem o que seu filho (a) está estudando e o que se passa com eles na escola, mais elementos terão para formar uma boa parceria com os educadores, no acompanhamento seja o da criança, adolescente ou quer seja o jovem, que por sua vez, os pais já não acompanham muito por serem um pouco autônomos, mais ainda assim , precisam de orientações e diretrizes para sua formação, embora tenha já formada a personalidade, evidenciando suas vontades ,apesar disso precisa ser motivado, acompanhado, instruído para não se perderem em decisões e atitudes inadequadas. Os pais precisam estar atentos, para que se haja algum erro de percurso, seja familiar, como atualmente a família se encontra separação, ausência devido o trabalho, e tantas outras coisas ocorrentes de nossa sociedade. Ou do próprio jovem, conflitos internos, influências de amigos, libertinagens. Os pais precisam saber gerenciar esses eventuais problemas de percurso, para que não comprometa o futuro desse jovem e ele tenha um futuro promissor.
Pelo lado da escola, quanto mais profissionais conhecem a família e estão próximos dela, mais informações terão para entender e atuar de maneira eficaz com o jovem. Devido um estudo de caso, no colégio particular e no colégio estadual dias de reuniões de pais e mestre do aluno no ensino médio. A participação assídua dos pais da escola particular é muito maior, embora a quantidade de alunos serem menos um ou dois não comparecem, mas mesmo assim se interessam, ligam e tendo oportunidade vai à escola, pergunta o andamento, quer conhecer os professores, quer saber porque da nota em caso de insatisfatória, e assim por diante.
Com relação a escola estadual sem generalizar, é uma minoria, mais tem aqueles pais participativos na escola, apesar de sistemas diferentes, vemos os pais almejando o futuro dos filhos. Aqueles que têm uma condição mais abastada ou não favorecida querem mais para seus filhos e procuram participar da vida escolar de seus filhos, exigindo deles, o mais perfeito, para que futuramente tenham êxito em suas escolhas profissionais.
O motivo de maior segurança e melhor desempenho na vida escolar é a participação dos familiares na escola, quando percebem a proximidade e o interesse familiar se empenham para fazer o melhor, tanto pela possibilidade de serem mais atendidos em casa e na escola, quanto pela melhora da autoestima ao se sentirem valorizados pela família.
A escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola, pois, é através da interação desse trabalho em conjunto, que tem como objetivo o desenvolvimento do bem-estar e da aprendizagem do educando, os quais contribuirão na formação integral do mesmo. Essa parceria entre família versus escola e a função do gestor como mediador e condutor de práticas educativas geram pleno desenvolvimento do aluno favorecendo uma participação que gere compromisso da família com a aprendizagem e o sucesso escolar do seu aluno e compromisso da escola com a inserção curricular do ambiente cultural da família e da comunidade.
Pensar em educação de qualidade hoje, é preciso ter em mente que a família esteja presente na vida escolar de todos os alunos em todos os sentidos. Ou seja, é preciso uma interação entre escola e família. Envolver os familiares na elaboração da proposta pedagógica pode ser a meta da escola que pretende ter um equilíbrio no que diz respei-

to à disciplina de seus alunos. A sociedade moderna vive uma crise de valores éticos e morais sem precedentes. Essa é uma constatação que norteia os arredores dos setores educacionais, pois é na escola que essa crise pode aflorar mais, ficando em maior evidência.

É preciso muito mais do que deixar o filho devidamente uniformizado, no horário, na porta da escola. Também é preciso mais do que participar das reuniões bimestrais e dar broncas se o boletim estiver recheado de notas vermelhas. É preciso acompanhar, sugerir, interagir com os educadores no processo de formação de cidadãos criativos e antenados com as mudanças do mundo.

Nunca na escola se discutiu tanto quanto hoje assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos. Nunca se observou tantos professores cansados e muitas vezes, doentes fisicamente e mentalmente. Nunca os sentimentos de impotência e frustração estiveram tão marcantemente presentes na vida escolar. Por que pais têm deixado de passar para seus filhos princípios básicos de cidadania.

Respeitadas as especificidades da família e da escola, essas instituições podem, sim, estabelecer parcerias produtivas a favor do êxito escolar. "Quando a escola e a família se descobrirem como parceiras de construção e transformação", assegura Ilzany da Rocha Oliveira "o ensino terá uma nova cara". Assim, tomara que iniciativas da escola para trabalhar em conjunto com a família seja um caminho possível à melhoria de nossa produtividade escolar. Enfim, quando ambas, família e escola, assumirem o seu papel, a educação efetivamente acontecerá para o desenvolvimento integral do indivíduo.

A HERANÇA FAMILIAR E O PERCURSO EDUCACIONAL

Objetivando averiguar o papel da família no percurso escolar dos filhos, relacionando-o com o capital cultural e econômico herdado, a obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) tem servido como fundamento para estudos empíricos com famílias brasileiras.

Neste momento, o objetivo é trazer ao centro do nosso estudo a questão da posição familiar e o percurso escolar dos herdeiros. Partimos da premissa de Bourdieu (1998, p. 42), que expressa a seguir:

> Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizado, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e a instituição escolar.

Está, portanto, explícita a relação entre família e escola na abordagem desse sociólogo francês. E subentende-se que a família, como portadora do capital cultural, repassa às novas gerações esse capital, ao mesmo tempo em que a escola tem na forma da cultura dominante seu conteúdo hegemônico.

Este conjunto de hábitos pode auxiliar, ou não o desenvolvimento do aluno na escola. Vejamos o que diz Melo (2011) sobre o assunto:

> Acostumadas com essa linguagem, às crianças dessas famílias chegam à escola com uma bagagem (capital cultural) que facilita sua inserção nos conteúdos escolares, determinando o êxito delas. O que ocorre para as crianças das classes menos favorecidas é que a linguagem culta se contrapõe às experiências cotidianas, surgindo, na escola, como um rompimento com sua vida do dia a dia e, portanto, dificultando as possibilidades de êxito na escola (MELO, 2011, p. 99).

Com estas colocações o autor afirma que nem sempre a influência herdada dos pais e familiares pode ser positiva para o desenvolvimento do aluno. Nesta perspectiva, na interação família e escola, nota-se uma contradição.

Essa passagem esclarece o papel da família na distinção dos indivíduos, a partir das heranças que proporciona aos seus filhos e, também como essa herança influi fortemente no sucesso ou fracasso escolar. Desta forma, a instituição escolar, na perspectiva de Bourdieu, é uma instituição marcadamente reprodutora, e faz isso ao valorizar positivamente os conteúdos da cultura culta, ex-

cluindo aqueles que não possuem os três tipos de capitais acima citados: o capital econômico, o capital social e o capital cultural.
Afirma Melo (2011, p.100) "Outra forma de reproduzir as relações sociais pela escola se dá no fato de que esta ignora as desigualdades sociais ao empreender suas práticas cotidianas".
Ou seja, a escola ao tratar todos os alunos iguais, inclusive nos processos avaliativos, sem levar em considerações os recursos e classe social do aluno, acaba produzindo um comportamento de tratamento desigual, porque os alunos menos abastados não têm condições de ter a mesma bagagem cultural do mais abastado.
Nas palavras de Bourdieu (1998, p.53):

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, os métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura.

Pode-se dizer, portanto que a forma socialmente concretizada de descriminalização a partir da escola, é o próprio silêncio sobre as desigualdades culturais, presentes na sala de aula.
Para Melo, (2011):

Tratar todos como iguais, quando, de fato, são desiguais é uma forma escolar de incluir os favorecidos excluir os desfavorecidos. Aquilo que é tido como neutro, como as práticas didáticas, a avaliação, os conteúdos escolares, as técnicas, de fato não o é. O discurso da neutralidade da escola, típica do tecnicismo, é uma forma ideológica de manter a escola longe das críticas radicais, por parte da população, que perpetua uma visão de que "a escola" e o lócus de obtenção da redenção social, da salvação das pessoas das classes mais pobres de sua pobreza (MELO, 2011, p.101).

Apesar de ser um tanto "dura" essa posição dos autores, embasados nas conclusões de Bourdieu, nos faz refletir acerca dos posicionamentos familiares em relação à escola. Os pais não são contra a escolaridade dos filhos. Inserir os filhos no mercado de trabalho, mais cedo, trata-se de necessidade financeira e material.
E diferentemente das classes mais pobres, as classes médias, na concepção dos autores, investem fortemente na educação de seus filhos, porque o poder aquisitivo dessas famílias permite o investimento em educação, que promove chances reais de ascensão aos filhos da classe média, a partir do êxito escolar. Outra observação de Bourdieu a esse respeito é que essas famílias de classe média, em geral advindas das classes populares, desejam continuar ascendendo e veem nos filhos essa esperança, tendo a escolarização como meio para alcançar esse objetivo.
Em outra perspectiva, segundo Cortelazzo e Romanowski (2008, p.69):

Desenvolver a consciência de que todos são iguais é necessário se almejamos uma atitude de respeito em relação a todos os que estão na escola – diretores, coordenadores, professores, funcionários administrativos, da limpeza, da cozinha, porteiros, seguranças, visitantes e especialmente os alunos.

À medida que a direção promove encontros e atividades sociais, culturais, esportivas e de solidariedade, a comunidade começa a encontrar-se e a dividir funções sociais.
Da mesma forma, os professores, os diretores, os pais e os alunos, que são frutos de uma diversidade cultural marcante, compartilham de atitudes de respeito mútuo, considerando-se que cada um fala de sua perspectiva, com uma história de vida própria.
Afirma Soares (2011, p.142):

O que queremos afirmar é que não existe gestão democrática caso fatos como os relatos anteriormente estejam acontecendo e, simplesmente, não exista interferência alguma por parte dos profissionais que tra-

balham na escola, como se nada estivesse ocorrendo de anormal. A função dos profissionais que trabalham na escola é a de estimular e conscientizar os pais para possibilitar o melhor exercício possível das suas funções, pois é por meio desse envolvimento em todas as questões referentes à escola, com real participação, diálogo, reflexão e decisão, que estaremos no rumo de uma escola verdadeiramente democrática.

Quanto à administração financeira da escola, o gerenciamento dos recursos financeiros é função da associação. Para que esta possa cumprir bem o seu papel, é fundamental que o faça por meio de um orçamento participativo. É preciso planejar coletivamente quais são as prioridades da escola, para que ela possa efetivar o seu PPP.
Mas, além das ações propostas, é fundamental que as associações (APM, APPF, APMF) ou similares se organizem e possibilitem a interação com outras associações já existentes na comunidade escolar, como, por exemplo, a associação de moradores, entre outras. Essa ação busca superar a dificuldade de organização do segmento dos pais que ainda persiste na maioria das associações, muitas vezes em virtude do receio de participar ativamente em um segmento que também é constituído por professores e funcionários.
Ao possibilitar a participação de outras instituições que congregam os pais, muito provavelmente haverá maior sintonia e fortalecimento entre os representantes destes, evitando, assim, a falta de participação.
Soares (2011) afirma:

Entendemos que tais reuniões têm por finalidade definir coletivamente com a comunidade escolar quais os objetivos que deverão ser alcançados e quais os principais desafios serão enfrentados ao longo do decorrer do ano letivo (SOARES, 2011, p. 144).

Com isso, entende-se, nesse sentido, que a principal característica a ser desenvolvida é a prática dos pais incentivarem e estimularem diariamente seus filhos a dividirem com eles aquilo que aprenderam na escola.
Possibilitando, com isso, também dividirem as dúvidas resultantes do processo de aprendizagem, cabendo aí, aos pais, o esclarecimento das dúvidas que estejam ao seu alcance, mas principalmente, a orientação para que seu filho as esclareça com o professor no dia seguinte. Mas infelizmente os pais só são chamados a escola quando a criança apresenta algum problema de ordem comportamental, segundo afirma Soares (2011, p.145)

Podemos afirmar que, na maioria das vezes, tanto nos espaços de reuniões quanto nos de atendimento individual, as famílias são chamadas somente quando seus filhos apresentam problemas, sejam eles pedagógicos ou comportamentais. E nem sempre o tratamento destinado aos pais é o mais adequado, pois a escola, em vez de realizar orientações com a intenção de superar as dificuldades apresentadas, esmera-se em realizar reclamações dos alunos, e qual é o pai ou a mãe que se sente a vontade ao ouvir reclamações sobre seu filho?

Com isso, entende-se que para que a escola consiga atingir o objetivo de trazer os pais para dentro da escola, é preciso promover sua participação na dinâmica do trabalho pedagógico desenvolvido pela escola.
E, ao mesmo tempo, ir realizando demonstrações de que, de fato, a participação na vida escolar do seu filho é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pela escola.
Importante ressaltarmos que tal comprometimento dos pais com o desenvolvimento intelectivo dos filhos contribuirá também para evitar o seu envolvimento em situações que ofereçam risco e, consequentemente, possibilitará a elevação da sua autoestima.
A gestão escolar efetiva deve ter clareza sobre qual seja o propósito para o futuro. Desta forma, identificar os saberes necessários a uma prática pedagógica contextualizada com realidades atuais é fundamental para construir um modelo educacional de qualidade.
Nesse sentido, afirma Farfus, (2008, p.83):

A contextualização de significados que contribuam com a sistematização do processo é ponto de partida para a transposição dos

conteúdos às realidades desenvolvidas. Iniciar um movimento de envolvimento de diferentes parcerias se faz necessário quando pensamos em educação com compreensão da importância da função. Um processo de gestão escolar deve contemplar uma educação voltada para o futuro.

Para esta educação voltada para o futuro, vejamos o que diz Farfus (2008) sobre os quatro pilares da educação de Jacques Delors:

O livro Os sete saberes Necessários a Educação do Futuro, de Edgar Morin, publicado pela Unesco teve por objetivo complementar os quatro pilares da educação que constam no relatório de Jacques Delors, publicado pela mesma instituição, e aprofundar a visão transdisciplinar de ensino pretendida para a educação do amanhã.

Estes quatro pilares da educação de Jacques Delors, são utilizados como referencial e direcionamento para o gestor escolar, diretores e professores. Os sete saberes necessários para preparar i indivíduo para uma educação do futuro são, de acordo com Morin:

As cegueiras do conhecimento, o erro e a ilusão;
Os princípios do conhecimento pertinente;
Ensinar a condição humana;
Ensinar a identidade terrena;
Enfrentar as incertezas;
Ensinar a compreensão;
Ética do gênero humano.

A apropriação desses saberes pelo gestor escolar será fundamental para um processo que responda aos anseios sociais e as necessidades e expectativas da geração atual.
Portanto, para nos afastarmos de nossa cegueira, é necessário que a educação estude as características culturais, mentais e cerebrais dos conhecimentos humanos, bem como os sistemas que as modelam e que produzem seus sucesso e insucessos.
Um dos saberes abordados pro Morin (2001) citado por Farfus (2008, p.84), como necessários à educação do futuro é a questão do "conhecimento pertinente":

"O conhecimento pertinente" deve promover a apreensão do conhecimento global e traduzi-lo para as realidades locais, oportunizando uma leitura do seu contexto e o entendimento da complexidade que o envolve, tendo cuidado com a fragmentação de conteúdos. A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano.

Ao pronunciar esses aspectos, Morin explica que para um conhecimento pertinente a educação tem a responsabilidade de desenvolver no homem uma de suas aptidões naturais, no sentido de situar as informações em um contexto e em um conjunto, estabelecendo relações mútuas e identificando influências recíprocas entre as partes envolvidas e o todo global.
O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. É necessário reconhecer a unidade e a complexidade humana, reunindo e organizando conhecimentos dispersos nas ciências. Para Morin ensinar a condição humana não é um dever, mas uma oportunidade de entender as diferentes esferas que nos envolvem e aprender a respeitar a diversidade cultural e a pluralidade dos indivíduos que se encontram ao nosso redor, que aprendem e nos fazem "aprender a aprender" cotidianamente.
Assim a responsabilidade dos sistemas educacionais torna-se cada vez maior, e desenvolver essas consciências será, com certeza, responsabilidade de todos aqueles que queiram garantir a sobrevida da humanidade.
Com isso posto, neste contexto, devemos formar mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. A clareza da cidadania plena. A educação deve contribuir não somente para a tomada de consciência de nosso planeta, mas permitir que essa consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola e a família têm influência nos processos de mudanças que a sociedade sofre em seus conceitos em virtude dos avanços tecnológicos do sistema capitalista. Este fato desfaz todos os ares de certeza e confiança que havia entre as relações dos indivíduos para viver em solidariedade e cooperação, ficando agora a escola e a família, responsáveis por resgatar esses valores e virtudes.

Neste contexto, os laços entre família e escola, vão muito além do controle burocrático ou da aquisição dos conteúdos escolares. A família deve ser chamada para além da função de amenizar situações pontuais de comportamentos dos seus filhos (alunos), isto é, deve ser encarada como coautora de um projeto de escola do qual será parte ativa na concretização do mesmo. Com esta concepção, a escola passa a organizar sua prática pedagógica de uma forma mais dialógica e interativa com a realidade de seus alunos, traz a família para dentro da sala de aula de forma positiva e afirmativa, fatores que contribuirão para a construção do conhecimento escolar e para a cidadania.

Tanto a escola quanto a família precisam delegar uns aos outros a tarefa de educar, já que escola e sociedade são partes de um todo. Daí o objetivo geral do Projeto Político da Escola: propiciar aos pais e alunos uma maior interação e ampliação dos recursos da comunicação, levando-os a uma maior participação do processo ensino-aprendizagem desenvolvidos durante o ano letivo, bem como propiciar a formação de uma cidadania responsável.

Enfim, a relação entre a escola e a família excede às formais reuniões de pais e mestres ou à simples presença na escola para resolver problemas de indisciplina e notas de seus filhos. Deve haver o entrelaçamento entre ambas na formação do indivíduo como um todo. Neste processo, o gestor tem um compromisso fundamental, que é ser o elemento que visualiza a meta, planeja, executa ações, delega funções, avalia todas as etapas do trabalho; a fim de alcançar o sucesso esperado por todos.

Educar exige compromisso, persistência e acreditar que se pode fazer a diferença. Persistir sempre e nunca desistir. A escola deve ter essa característica de buscar sempre um trabalho harmonioso entre alunos, professores, equipe gestora, pais e comunidade, para que nossos alunos sejam responsáveis e felizes acima de tudo. É possível realizar muito com a união entre todos.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO JOSÉ, Elisabete. COELHO, Maria Teresa. Problemas de aprendizagem. 2ed. São Paulo: Ática.1990.

BOCK, Ana Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Psicologias uma introdução ao estudo de psicologias .2.ed. São Paulo: Saraiva ,1989.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069 de julho de 1996.

CARVALHO, Frank Viana. Pedagogia da cooperação: trabalhando com grupos em sala de aula através da aprendizagem cooperativa. 3.ed. São Paulo:Unaspress,2003.

CHALITA, Gabriel. Educação: A solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. Psicologia na educação. 2.ed. São Paulo:Cortez,1994.

DELLA TORRE, M. Benedita Lima. O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia 7 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979

DEMO, Pedro. Desafios modernos da educação. Petrópolis: Vozes, 1979.

DI SANTO, Joana Maria R. "Família de Escola: uma relação de ajuda". Disponível em http/ www.centrorefeducacional.com.br/família. Acesso em 02 de julho de 2007.

Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Ed. Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS / Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1997.

REVISTA NOVA ESCOLA "Escola e Família: todos aprendem com essa parceria". Junho/ Julho, 2007.